

EM MEMÓRIA DE ALEXANDER

ANDRIETTA LENARD

COMO ENCONTREI ALEXANDER LENARD

Em 1939-40 estava cursando o primeiro ano de Filosofia na Universidade Católica de Milão, onde minha família residia. A Itália, ao deflagrar a segunda guerra mundial, em setembro de 1939, tinha-se mantido neutra. No ambiente estudantil da Católica parecia impossível verificar-se o fato anti-histórico de uma guerra travada ao lado de nossos oponentes de sempre, contra os nossos aliados da primeira guerra mundial, França e Inglaterra.

Mas o impossível aconteceu. Os exércitos vitoriosos de Hitler procediam de conquista e Mussolini, cuja megalomania se acentuava com o exercício do poder, no dia 10 de junho, sentindo a vitória segura, anunciou a entrada da Itália na guerra, ao lado dos alemães. Foram dias de luto para nós jovens, os dias da ofensiva italiana contra a França, já vencida, que logo pediria o armistício.

Esta guerra contra o direito dos povos, que aos estrangeiros do Eixo parecia destinada a terminar rapidamente, ia revelar-se uma luta longa, desesperada e extenuante. Minha família recolheu-se numa casa de campo, e como Milão, centro industrial da Itália, foi um dos primeiros alvos dos bombardeios aliados, fui enviada a Roma para continuar meus estudos universitários.

Foi nessa cidade que encontrei Alexander Lenard, médico húngaro, formado em 1938 pela Universidade de Viena. Em Roma, ele não podia exercer a medicina e vivia de traduções, pesquisas em história da medicina para a indústria farmacêutica suíça Ciba e da redação de teses de doutorado para estudantes de medicina pouco familiarizados com as letras.

ROMA DURANTE A GUERRA

Vou deixar a palavra a Alexander (The Valley of the Latin Bear, Dutton, New York, 1965, p. 19):

"Eu vi a guerra chegar, resolvi fugir para Roma. Isto é, pensei ter fugido. Na realidade, foi a guerra que me jogou fora do meu mundo, que me varreu, sem dinheiro, sem amigos, num país cuja língua eu desconhecia. Aprendi o sofrimento e, ao mesmo tempo, conheci Michelangelo e Pirandello, contemplei pela primeira vez o Coliseu e a imensa indiferença de meus contemporâneos. Todavia, sabia de uma coisa: que os ditadores prendem suas vítimas com correntes de papel. Não escrevi o meu nome em nenhuma lista ou registro e, se comia pouco pão, comia-o sem vales alimentares. Para não saber, do horror da guerra, mais do que uma pessoa daquela época inevitavelmente sabia, não li nada que tivesse sido impresso após a Revolução Francesa. Assim me tornei historiador da medicina e me abriguei e escondi entre os muros das grandes bibliotecas, escrevi estudos sobre os médicos da Renascença e os tratamentos hormonais na Antiguidade. Esta solução temporária tornou-se, aos poucos, habitual e a fuga na música e na arte tornaram-se cada vez mais essenciais para mim".

Alexander havia chegado em Roma em 1938, depois da violenta anexação da Áustria à Alemanha hitlerista. Ele chegou com um visto de turismo para três meses e ficou 12 anos, até nossa vinda para o Brasil. De passaporte vencido, conseguiu de um amigo, da Legação da Hungria em Roma, um documento que afirmava que o seu passaporte estava recolhido nessa legação para ser renovado.

O caso não era único. Havia muitos exilados políticos em Roma, durante os anos de guerra. Muitos foram presos, deportados e morreram em campos de concentração; alguns conseguiram sobreviver. Ele estava entre esses últimos.

Formávamos um grupo muito unido. Húngaros, poloneses, checoslovacos, alemães e austríacos anti-nazistas, italianos antifascistas. Tínhamos a impressão de manter vivo o ideal da liberdade, da dignidade humana. Foi um tempo memorável, tempo de honestidade moral, que nunca mais voltou, na confusão política do pós-guerra. Tudo era tão simples, naquela época: os Aliados representavam a luta do Bem contra o Mal, no fim venceriam a guerra, salvariam a civilização ocidental, e a paz voltaria a reinar. Encontrei Alexander em 1942. Nesse ano, ele pesquisava sobretudo na Biblioteca do Vaticano, mas vinha frequentemente para a Universidade onde eu cursava o segundo ano de filosofia. Estava traduzindo para o alemão um artigo de um professor meu, e este me pediu que entrasse em contato com ele para saber se o trabalho estava pronto. Foi assim que nós nos conhecemos. Logo decidimos que não podíamos perder tempo; ninguém sabia se sairia com vida desta guerra, e assim decidimos enfrentá-la juntos.

A VINDA AO BRASIL

Cito novamente o livro de Alexander:

"Os Americanos chegaram, depois de muitas hesitações, lentamente... mas um belo dia estavam em Roma (4 de junho de 1944). Marchavam em longas colunas na neblina do anoitecer. Depois disso continuei faminto, mas com a satisfação de ser o médico oficial do United States Claims Service. Após 1948, servi como antropólogo chefe do American Graves Registration Service, lavando, medindo e colocando os ossos dos Americanos mortos durante a guerra. No ano de 1951, carros armados foram novamente desembarcados na baía de Nápoles. A guerra fria ameaçava transformar-se numa terceira guerra mundial. Parecia chegado o momento de mudar novamente de clima. Os húngaros me ofereciam uma cadeira de História da Medicina na Universidade de Budapeste, mas eu tinha a impressão de que não me daria bem no papel de comunista. Os Americanos me convidaram para a Coreia, mas eu já tinha manejado muitos ossos nos lindos arredores de Florença. O Brasil, no mapa, se apresentava grande e verde. Era ainda operante, naquele tempo, a Organização Internacional de Refugiados. Carregava pobres Europeus em velhos barcos e os desembarcavam em algum lugar. Levaram a mim e à minha família até o Rio de Janeiro, até a Ilha das Flores. Ali, esperamos dez dias que a polícia pegasse as nossas impressões

digitais. Demorou porque era carnaval. Assim tive tempo para meditar, e descobri algo. Não tinha fugido à História, simplesmente ela me havia levado ao litoral do Brasil.

... Em São Paulo, um colega bondoso me fez seu assistente. Com o dinheiro que ganhei nesta cidade, comprei uma pequena propriedade no vale de D. Emma. Creio firmemente que neste vale brota e floresce para sempre a paz, tão desejada" (A. L. ibidem, p. 20, 21).

No tranqüilo vale de Dona Emma, Alexander tocava Bach no piano de nossa casa, de madeira e no órgão da igreja da aldeia, aos domingos. Pintava aquarelas delicadas: flores e paisagens. Dava os primeiros socorros aos colonos doentes ou acidentados, mas só em caso de extrema necessidade. Como médico, sabia que lhe restava pouco tempo, e o primeiro enfarte, em 1956, o avisou de que não devia perder tempo, se queria deixar uma mensagem que o ultrapassasse.

A OBRA DE ALEXANDER LENARD

Durante os trinta anos do nosso casamento, nunca passou um dia sem que Alexander escrevesse, mas muito do que escrevia era para ganhar o pão de cada dia: obras de divulgação científica, colaboração em revistas e jornais. Em Roma, publicou quatro volumes de poemas em alemão, custeando a publicação. Esses poemas foram publicados em Viena, em 1954, pelo Editor Walter Krieg. Como escreve o Prof. Paulo Rónai:

"Os poemas desse poeta húngaro residente no Brasil, escritos em alemão, ostentavam um título latino, Ex Ponto, como que simbolizando o destino da intelectualidade de certos países infelizes, em que o exílio se está tornando parte integrante da experiência cotidiana. Evocando a Ovidio, protótipo dos poetas exilados, o volume revelava talento personalíssimo e sensibilidade requintada, afinados por uma vasta cultura capaz de incorporar ao seu arsenal o legado de uma civilização multissecular... O que mais prendia e comovia, era o reflexo fiel das vicissitudes de uma geração sacrificada, e depoimento visceralmente europeu, dolorosamente atual".

O sucesso veio com a tradução para o latim de um clássico da literatura infantil inglesa, Winnie the Pooh (Dudu-de-Puf), de Milne. Esta tradução ocupou os lares de Alexander durante sete anos. A idéia surgiu durante os meses que passamos numa mina de chumbo, no Paraná. Alexander, além de exercer as funções de médico, dava aulas de inglês e latim às filhas dos engenheiros franceses, e, tendo observado o quanto as meninas se aborreciam com Júlio César e outros clássicos latinos, teve a idéia de fornecer-lhes textos mais interessantes e adaptados a 11, 12 anos.

Em 1959, Alexander mandava imprimir, em São Paulo, 100 exemplares da sua tradução, agora intitulada Winnie ille Pu. Cito novamente o Prof. Rónai:

"Um deles chegou a Estocolmo, onde a grande editora Svensk Bokforlaget resolveu publicar outra edição de 2.000 exemplares, na delicada intenção de oferecer um original presente de Natal a seus colaboradores, intelectuais suecos, professores e humanistas. Entregue o primeiro milhar a distribuição teve de ser suspensa, porque o público de leigos e profanos esgotou o segundo em quinze dias. A editora sueca fez rodar, já com intuitos confessadamente comerciais, outra tiragem de 2.000 exemplares. O êxito acordou Methuen, o editor do original inglês, que três anos antes nem quisera ver a tradução; apressou-se em procurar contato com o eremita de D. Emma, para reexaminar o assunto... Em novembro, o editor londrino lançou a sua edição de 3.000 exemplares. Mas já uma velha firma norte americana, Dutton, informada dos fatos milagrosos que acabamos de relatar, farejou o negócio e, em vésperas de Natal, publicou a quinta edição.

A partir desse momento as notícias assumem caráter nitidamente apocalíptico. A edição se esgotou numa semana. Em 23 de dezembro a editora teve de inserir anúncios nos maiores jornais norteamericanos pedindo desculpas aos milhares de leitores que em vão a tinham procurado nas livrarias...

Em meados de março havia mais de 60.000 Winnies traduzidos circulando nos E.U.A. ... Conclusão: o primeiro best-seller estadunidense em 1961 foi um livrinho infantil em latim, fato que desmente de vez as sábias teorias elaboradas por tantos especialistas sobre os ingredientes indispensáveis a um campeão de vendas".

Agora Alexander tinha tempo e condições para escrever suas duas últimas obras publicadas: "Die Kuh auf dem Bast" e "Ein Tag in unsichtbaren Haus". A carreira fantástica de Winnie ille Pu abriu o mercado para que ele pudesse produzir obras originais cercadas de êxito na Alemanha e na Hungria. Suas experiências de Dona Emma são contadas com ironia, serenidade e um humorismo discreto.

Ainda traduziu Bonjour Tristesse, de Françoise Sagan, para o latim. Publicou um livro de cozinha, A cozinha Romana, no qual, entremeados às receitas, há vários pequenos ensaios sobre a arte culinária na Roma antiga.

Em 67 e 68 lecionou, como professor visitante, latim e grego na Universidade de Charleston, Carolina do Sul. Voltou muito doente, mas, mesmo depois da primeira trombose cerebral, não parou com suas atividades de escritor. Ditou-me dois ensaios, inéditos, em língua italiana: um sobre a sua infância, outro sobre suas experiências em Charleston.

Recorro novamente a Rónai para finalizar:

"... não lhe sobrava tempo para colher todos os frutos daquela popularidade surgida de maneira tão estrambótica; em abril de 1972 ele morreu do coração, em Dona Emma, praticamente ignorado do Brasil, mas rodeado do verdadeiro halo místico aos olhos de milhares de europeus e pranteado por seus amigos dispersos pelo mundo afora".